

O MURO DO SILÊNCIO COMO CONSTRUTORES DE PONTES

Reflexões sobre o uso da linguagem, do silêncio e sobre a emancipação da mente, do pensamento literal em Psicossíntese. (mas não somente).

Petra Guggisberg Nocelli

Psicoterapeuta ASP, psicossintetista SIPT, facilitadora, autora do livro “A Via da Psicossíntese” e “Conheça, Possua, Transforme a ti mesmo” (Xenia ed.)

Julho e agosto 2018

“Devemos ser políglotas psicologicamente e, espiritualmente, aprender a ser tradutores (...)” R. Assagioli

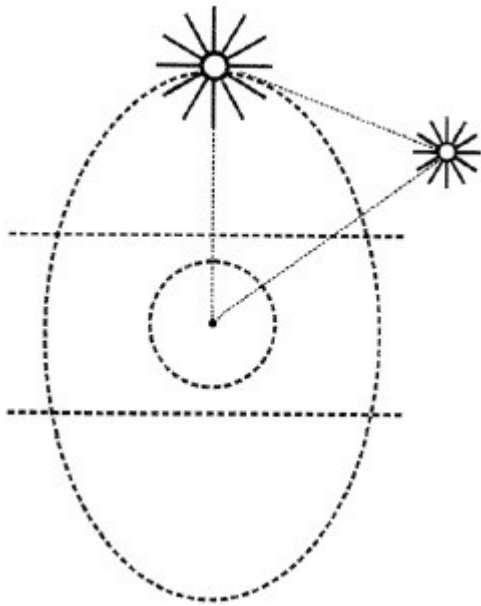
REFLEXÕES: Algumas semanas atrás li o artigo de Piero Ferrucci intitulado “A respeito da porta do mistério” * assim como o artigo que Marina Bernardi publicou em seguida “Reflexões sobre a Psicossíntese hoje” **. Um dos principais temas examinados nestes dois textos é a relação entre a Psicossíntese como concepção e prática psicológica educativa e (auto) formativa e os outros campos do saber humano ligados às crenças e aos sistemas espirituais, filosóficos, esotéricos, religiosos, etc. Os dois textos refletiam particularmente a respeito do “muro do silêncio” desejado por Roberto Assagioli – naquela época - entre a Psicossíntese e estes outros campos. O tema sempre me trouxe questionamentos. Compartilho aqui algumas ideias que talvez permitam olhar para o “famoso” muro como uma possibilidade de construir pontes. Não sei se estas ideias poderão contribuir à discussão em curso e encontrar alguma aplicação prática. Esse seria meu desejo.

Assagioli estava profundamente convencido dos muitos mal-entendidos e das “graves dificuldades” apresentadas pela utilização da linguagem ao falar de realidades psicológicas, especialmente das transpessoais ou supraconscientes. Afirmava claramente essa evidência. De modo mais específico, caracterizava três ordens precisas de dificuldades propondo para cada uma delas soluções específicas ou antídotos.

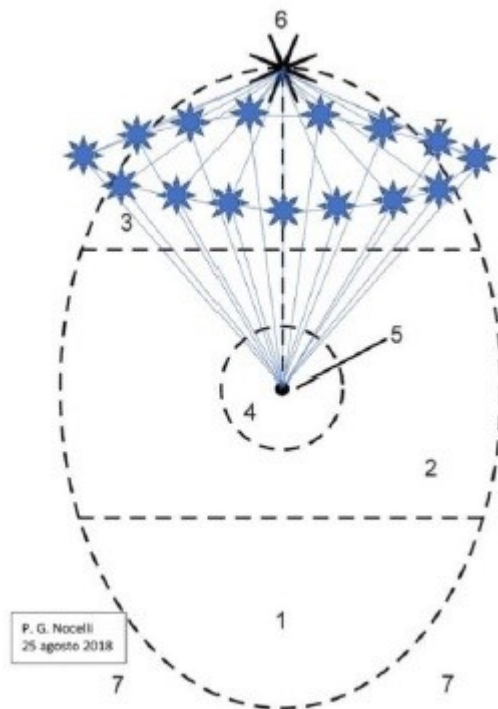
1. A primeira dificuldade relaciona-se à utilização da parte da linguagem humana de metáforas e símbolos baseados em coisas concretas para designar realidades que não são de fato concretas (por ex. a palavra “alma” deriva do grego “anemos”, que significa “vento”; “pensar” em “pesar” entendido em sentido material, etc.). O antídoto identificado por Assagioli a esta primeira dificuldade prevê o empenho, por parte do psicossintetista, de “reconhecer e ter sempre presente a natureza simbólica de cada expressão, seja ela verbal, ou outra.”. Portanto as palavras são símbolos e são consideradas como tais. O convite para reconhecer a natureza simbólica, metafórica das palavras e da linguagem, nos conduz às outras duas dificuldades identificadas por Assagioli que se referem sem dúvida às características próprias dos símbolos:

- ser unilaterais;
- sua natureza dupla e contrastante.

2. Ao falar da natureza “dupla e contrastante” dos símbolos, refere-se ao fato de que estes podem revelar a realidade, ser um meio, um intermediário que facilita o contato com a verdade que indicam; ou podem ofuscá-la tornando-se assim uma armadilha que nos impele para “fora de nós”. Assagioli de fato nos lembra que “a pessoa que toma o símbolo de maneira literal, que não ultrapassa a realidade através do símbolo, mas a este se detém, não alcança a verdade”. Como cita um dito budista que amo muitíssimo: “Quando o sábio indica a lua, o tolo olha o dedo”. O psicossintetista tem, portanto, a tarefa de empenhar-se em distinguir o dedo (o símbolo, a palavra, a crença, a doutrina, etc.) da lua (a realidade/verdade indicada) para depois focalizar com decisão a sua atenção sobre esta última.



3. Enfim, com a expressão “unilateralidade dos símbolos” tem a intenção de indicar que eles estão em condição de exprimir unicamente “um aspecto, uma modalidade, uma concepção parcial de uma dada realidade”. O psicossintetista é chamado a acolher esta dificuldade utilizando “vários símbolos para indicar a mesma verdade” e trabalhar na síntese dos diferentes símbolos utilizados. Em resumo, ele deve ser um poliglota (conhecer e falar várias linguagens) e um tradutor hábil (estar em condição de exprimir a mesma ideia utilizando diferentes sistemas simbólicos como referência, passando de um a outro com habilidade). O uso da linguagem se torna funcional quando orientado em direção a uma compreensão recíproca.



SIMBOLI DI ESPERIENZE TRANSPERSONALI*:

- simboli dell'introversione, dell'interiorizzazione
- simboli dell'approfondimento, della discesa al "fondo" del nostro essere
- simboli dell'elevazione, dell'ascesa
- simboli dell'espansione, dell'allargamento della coscienza
- simboli del risveglio
- simboli della luce, dell'illuminazione
- simboli del fuoco
- simboli dell'evoluzione, dello sviluppo
- simboli del potenziamento, dell'intensificazione
- simboli dell'amore
- simboli della via, del sentiero, del pellegrinaggio
- simboli di trasmutazione
- simboli della rigenerazione della "nuova nascita"
- simboli della liberazione
- simboli della resurrezione, del ritorno

*R. Assagioli, *Lo sviluppo Transpersonale*

P. G. Nocelli
25 agosto 2018

Finalmente, algumas semanas atrás, enquanto passeava ao longo da costa do Mar da Ligúria observando o plácido e transparente ir e vir das ondas, refletia sobre a imagem do “muro do silêncio”, seus significados e funções. Vinham-me à mente coisas já bem claras: os muros (como por exemplo, o de Berlin) servem para impedir, dividir e separar alguma coisa de outra; os muros também são necessários para delimitar e distinguir espaços diferentes definindo as respectivas funções. Num edifício ninguém nega que função da cozinha é diferente da função do banheiro e do dormitório. Até mesmo em um maravilhoso espaço aberto (“Casa Assagioli”, em Florença) continuar-se-ia a cozinhar em fornos, dormir em uma cama e a lavar-se no chuveiro. Mas estas minhas reflexões giravam ainda em torno de uma representação insatisfatória do muro visto como “uma densa barreira de tijolos”.

Em certo ponto, porém minha atenção deslocou-se para uma ideia-imagem definida e literal do “muro” (o dedo?) à outra ideia-imagem mais em segundo plano, mais desfocada e distante, do “silêncio” (a lua?). E foi como se, repentinamente, visse esse muro pela primeira vez. O “muro” com o qual Assagioli desejou delimitar o espaço da Psicossíntese pode na verdade não ser um muro de Berlin, uma intransponível barreira de tijolos. Pode ao contrário ser transparente e leve. Como potencialmente sempre foi. De fato, é um muro constituído, feito de um material muito particular com propriedades específicas: O SILÊNCIO.

Num primeiro momento, esta imagem da Psicossíntese delimitada, circundada pela transparência e pela paz do silêncio, pode talvez parecer poética e nada mais. Na realidade ela apresenta implicações interessantes que podem indicar com clareza o tipo de funcionamento mental que o psicossintetista é convidado a cultivar quando aborda diferentes sistemas de crenças, doutrinas e metáforas.

Como bem sabemos, em Psicossíntese, o silêncio tem significados e funções muito precisas, bem mais profundas e evocativas do que a simples ausência de palavras ou da falta de comunicação. A prática regular e cotidiana do silêncio tem a função de desenvolver a capacidade de manter uma “zona de desidentificação”, de recolhimento, em meio a todos os rumores da vida cotidiana. O silêncio interior é então, principalmente, a condição necessária ao desenvolvimento da intuição, função psicológica graças à qual podemos entrar autenticamente em relação com a dimensão transpessoal em nós e iniciar o diálogo com ela (e, portanto, também a nos abrir e a dialogar autenticamente com os outros uma vez que “Nós somos o EU, o EU somos nós”). Além disso, para a Psicossíntese a possibilidade de um contato experiencial com a esfera supraconsciente se dá de fato em função do grau de silêncio interior que conseguimos realizar.

Entendido deste modo, o “muro” desejado por Assagioli torna-se então uma fronteira que delimita não tanto diversos campos de conhecimento e seus conteúdos, quanto diferentes modalidades de funcionamento mental. E o material do qual ele é constituído, o silêncio, vem a ser a substância que constrói aquela ponte que nos conduz principalmente para “além”: além da linguagem que separa e divide, além da mente que categoriza e julga e, sobretudo da ‘literalização’ das múltiplas metáforas (sejam elas atinentes aos campos da espiritualidade, do esoterismo, da filosofia, da religião e também da ciência) que os homens escolhem de tempos em tempos para revestir e colorir as mesmas experiências existenciais arquetípicas, as mesmas verdades perenes, os mesmos dados imediatos da consciência que repropõem-se a nós sempre mais, universais em cada tempo e cultura.

Refiro-me às bem conhecidas iluminações internas, às experiências estéticas e à criação artística, às intuições científicas, aos impulsos para a ação heroica, ética e humanitária, à coragem de ir em direção ao novo além dos limites do conhecido, à visão profunda, à inventividade genial, ao êxtase, à procura da liberdade e da felicidade, ao jogo, à autotranscendência, à beleza, à conversão ao Amor, aos sentimentos elevados, à solidariedade, à fraternidade. Seria belo completar o elenco. O silêncio nos leva “além”. Reconduz-nos à casa, ao lugar que é fonte e manancial e no qual cada palavra, metáfora e símbolo tem sua origem.

O silêncio permite então, ao psicossintetista treinado, olhar com transparência os diversos sistemas de crenças, as diversas formulações doutrinárias, as várias linguagens. O muro do “silêncio” vem a ser então um filtro capaz de destilar, extrair e fazer confluir na Psicossíntese aquilo que, nos diferentes sistemas, indica uma dimensão universal, comum, distinguindo-a daquilo que é peculiar, expressão da especificidade dada pelos vínculos no tempo, espaço e temperamento ao qual foram e são submetidos os indivíduos e os grupos humanos que deram forma àquelas crenças, linguagens e doutrinas: a desidentificação.

Talvez esta dimensão universal da experiência humana seja o objeto de estudo mais específico da Psicossíntese. Ela está principalmente interessada naquilo que é potencialmente comum em todos os seres humanos, no maior número possível dos seres.

Assagioli queria expressamente que qualquer pessoa pudesse reconhecer-se na implementação psicossintética: as pessoas preparadas para um longo caminho de pesquisa espiritual mais ou menos definido, assim como os agnósticos e os ateus; os artistas, os políticos, os místicos, os médicos, os yogues, os cientistas, os esportistas e os terapeutas. Ele queria que a Psicossíntese pudesse ser acessível a todos sem impelir ninguém a renunciar às próprias linguagens específicas, às metáforas já adotadas, mas, talvez, para adaptar-se a outras linguagens e metáforas, transformando assim o hábito, mas não o monge.

Para atingir este objetivo Assagioli escolheu como linguagem oficial aquilo que reputava ser o mais adaptado para sustentar a vocação universal da Psicossíntese: o empírico, o concreto, o pragmático da ciência. Não me parece que, no presente momento histórico, tenhamos à disposição um sistema de referência mais funcional ao objetivo de criar um terreno comum de entendimento que permita o diálogo além das singularidades e das crenças pessoais de cada indivíduo ou grupos. Ainda que permanecendo no símbolo!

Permitam-me dar um exemplo de aplicação concreta do que acaba de ser dito que, a meu ver, ilustra claramente esta tensão. A Psicossíntese considera a hipótese de que o EU transpessoal seja uma realidade psíquica passível de experimentação. A partir desta hipótese alguns exercícios propõem o encontro imaginário e o diálogo interior com o EU. Antes de fazer o exercício, Assagioli propõe um momento psicagógico no qual se apresenta o conceito do seguinte modo: o psicossintetista adapta a própria linguagem à mentalidade e às crenças da pessoa que está à sua frente sem

esperar o contrário, isto é, que a pessoa tenha que modificar as próprias crenças para adequá-las às do psicossintetista.

Não se trata absolutamente de instruir ou, pior ainda, de converter, as pessoas apresentando a elas novos conceitos ou crenças. Trata-se simplesmente de utilizar a linguagem (levando sempre em conta que as palavras são símbolos) para introduzir uma experiência que, por definição, encontra-se além de todas as palavras e que pode ser cultivada somente pela via intuitiva. Para fazê-lo da melhor maneira – isto é, de modo que as pessoas possam considerar seriamente esta hipótese digna de ser experimentada, mediante um percurso experiencial que prevê o treinamento interior – é necessário adequar as palavras aos indivíduos ou grupos. Às pessoas religiosas pode-se dizer, por exemplo, que a expressão “EU transpessoal” é um termo objetivo, usado em psicologia, para indicar a alma; aos agnósticos pode-se propor a hipótese que exista um centro superior em cada homem e dizer que há um número notável de seres humanos que tiveram essa experiência; aos ateus podemos ilustrar com a ideia de potencialidades existentes em nível inconsciente ainda não realizadas que podem indicar-nos preciosas linhas-guia na nossa vida, e que representam a expressão de uma profunda autenticidade. E por aí vai... Este exemplo diz respeito ao conceito de “EU transpessoal”, mas o princípio que ele ilustra pode ser transposto aos outros conceitos base da Psicossíntese.

CONCLUSÕES: O “muro do silêncio” prenunciado por Assagioli queria inicialmente sem dúvida também separar campos diversos de interesse e estudo (o científico e empírico da Psicossíntese do campo da espiritualidade, da filosofia, do esoterismo e da religião), distinguir espaços e designar funções. No momento atual, hoje, talvez possamos procurar ver este muro de modo diferente, concentrando nossa atenção mais sobre o material do qual ele é constituído: O SILÊNCIO. Significa transferir o foco de atenção dos conteúdos que deveriam estar do lado de cá ou de lá do muro, para a qualidade da atitude interior, do funcionamento mental que o silêncio nos convida a cultivar na relação com os conteúdos presentes. Trata-se de transferir a atenção para o recipiente (o “container”).

Desse modo o “muro do silêncio” pode tornar-se um preciosíssimo instrumento para emancipar os psicossintetistas e a Psicossíntese do pensamento literal, concreto e ser um antídoto potente em relação aos corolários sempre atuais: o fanatismo, o fundamentalismo, a separatividade, a incomunicabilidade e o conflito. É em uma mente treinada no silêncio que podem germinar as habilidades que tornam um psicossintetista num bom

psicossintetista: o ser poliglota e hábil tradutor. Em relação a essa questão, Assagioli disse o seguinte:

“A verdade é Uma, mas sua apresentação é variada e de diversos níveis, em função das tipologias das pessoas com as quais nos relacionamos. É necessário falar com cada um em sua língua. Devemos ser políglotas psicologicamente e espiritualmente, aprender a ser tradutores (...).”

Truth is One – but its presentation is diverse and so different levels, according to the kind of people to whom we address ourselves. One has to talk to each in their language. We have to be polyglots psychologically and spiritually, learn to be translators (...) R. Assagioli

“Na mente silenciosa há as raízes da inteligência e do amor.” C. Pensa

- No original * “Sulla soglia del mistero” – Piero Ferrucci
- No original ** “Riflessioni sulla Psicossintesi oggi” – Marina Bernardi